

## RESENHA

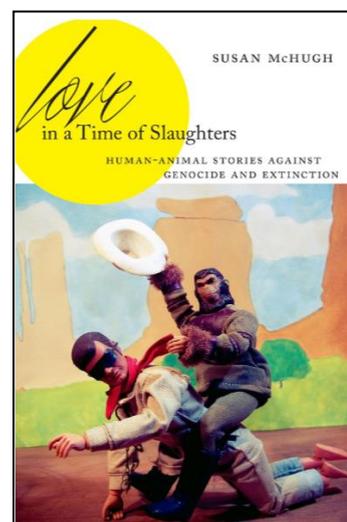
## SOFRIMENTO, SENSIBILIDADE E ARTE NO ANTROPOCENO

ANNA CARAMURU PESSOA AUBERT<sup>1</sup>

Susan McHugh é Professora de Inglês na Universidade da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, então ela se utiliza, geralmente, da literatura como objeto de estudo. No livro “Love in a Time of Slaughters: Human-Animal Stories Against Genocide and Extinction”, não obstante, ela trabalha, também, com animações, com um documentário e, até, com uma comissão da verdade, que ela analisa no âmbito dos *human-animal studies* e do pós-humanismo.

Nos *human-animal studies*, a pesquisa adota, como foco intelectual, o modo como animais figuram e são configurados em mundos humanos, formados por relacionamentos compartilhados entre eles. Os referidos estudos possibilitam, então, que encaremos questões como: “quem ou o que nós comemos, vestimos, e amamos? E fazendo isso, como vivemos com nós mesmos? Por que elegemos viver e morrer na companhia de outros que são tão diferentes de nós?” e, “O que ou quem é o humano? O animal? E quando esses termos são colocados juntos, separados por um hífen, como isso muda os fundamentos do estudo?” (McHugh e Garry, 2014, p. 1, tradução nossa).

E por que estudar esse universo humano-animal merece atenção acadêmica? Bom, colocado de um modo simples, é porque os animais – ainda que não todos, e não de maneira



MCHUGH, Susan. *Love in a Time of Slaughters: Human-Animal Stories Against Genocide and Extinction*. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press, 2019.

<sup>1</sup> Doutoranda em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Professora de Direito Animal na Escola Superior de Ecologia Integral, Justiça e Paz Social (EJUSP) e no Centro de Estudos Animalistas (CEA). Pesquisadora no Núcleo de Teoria de Direitos Humanos (NTDH) da UFRJ. Diretora acadêmica do CEA. Diretora administrativa da Associação Nacional de Advogados Animalistas (ANAA). Rio de Janeiro (RJ), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4442-6217>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2005170752734528>. E-mail: [annacaramurup@gmail.com](mailto:annacaramurup@gmail.com).

igual – são essenciais *nas e para* as sociedades humanas. Mundos humanos são construídos sobre vidas e mortes animais, tanto conceitualmente, quando concretamente. “É difícil imaginar como nós poderíamos nos distinguir enquanto seres humanos sem outros animais, pois nós nos tornamos humanos ao lado de outros animais” (McHugh e Garry, 2014, p. 1, tradução nossa). Nas palavras da autora:

Especificamente no último século, estudos literários sobre espécies claramente enriqueceram as técnicas das ciências da vida e foram por elas enriquecidos, e nessas condições, narrativas animais demonstram a emergência do pós-humanismo e de outras perspectivas extradisciplinares que são muito mais do que meras formas de espécies e de agência social. Desse modo, tais histórias oferecem esperanças para um relacionamento entre espécies com comportamentos mais sustentáveis e justos. E, mais importante, eles abrem caminhos para a criação de políticas baseadas não em direitos de indivíduos homogêneos e atomizados, mas sim, nos sentimentos que sempre mantiveram unidos os grupos moleculares heterogêneos revelados pelo companheirismo entre espécies (McHugh, 2011, p. 257-258, tradução nossa).

Os *human-animal studies* ganharam força, segundo McHugh (2014, p. 5), com o ativismo pelos direitos animais – como aquele de libertação propagado na década de 1970 por Peter Singer (2002) e por Tom Regan (2004) –, mas acabaram indo além do debate sobre direitos, reunindo forças para, paralelamente, mudar o clima institucional e intelectual, libertando animais do pensamento humanista:

Pós-humano, não-humano [...] – chame do que você quiser – um sentido mais importante dessa ampla virada intelectual permite a discussão sobre animais como agentes que não são apenas sujeitos ‘como humanos’ ou objetos ‘como coisas’, mas atores de um outro tipo [...] Para além da questão sobre como isso pode servir a outros interesses, *human-animal studies*, nesse sentido, afirmam um potencial revolucionário como projeto acadêmico: priorizar o estudo sobre como pessoas e animais efetivamente vivem juntos permite reflexões críticas que são tão importantes para honrar nossos passados compartilhados, como para continuarmos dividindo um futuro (McHugh, 2014, p. 5, tradução nossa)

A questão da agência de animais é fundamental em McHugh, que, em suas interpretações, é capaz de dar voz aos animais, sem tomá-los como meras alegorias para seres humanos, colocando em xeque, com isso, o disseminado *slogan* de ativistas pelo movimento animal a respeito de “falar em nome daqueles que não podem falar por si próprios” (Johnson, 2020, p. 70-71; Taylor, 2017, p. 43, 61-66, 207, 217).

Quanto ao pós-humanismo – que não se confunde, note-se, com o transhumanismo –, este é movimento heterogêneo cujas linhas possuem, como pontos de contato, a adoção de posição crítica com relação ao humanismo tradicional antropocêntrico, androcêntrico e eurocêntrico, buscando-se respostas às crises marcantes do mundo contemporâneo, capazes de atender às nossas demandas ecológicas, sociais e individuais. McHugh (2020, p. 106), apesar de não se autointitular pós-humanista, adota, como ferramenta de análise, um pós-

humanismo construído sobre bases pós-estruturalistas<sup>2</sup>, e que pretende, de modo pós-antropocentrismo – na linha, portanto, de Rosi Braidotti (2013) e Carry Wolfe (2010) –, retirar o ser humano do centro do debate, como medida de todas as coisas, questionando o dualismo cartesiano homem/animal.

Especificamente no livro em análise, a autora foca não só no companheirismo entre as espécies, mas, principalmente, nas relações complicadas e contraditórias que se estabelecem entre animais humanos e não humanos, em contextos pós-coloniais. E, nesse processo, ela dá voz tanto a membros de comunidades tradicionais, como aos animais, relacionando o colonialismo que se impôs, de modo estrutural, sobre culturas tradicionais, com aquele que se impôs sobre os animais não humanos, levando, no primeiro caso, a práticas genocidas (ainda que num sentido cultural, referente à morte de uma cultura) e, no segundo, à extinção de espécies. Temos retratados, então, genocídios, ecocídios e extinções.

*Love in a Time of Slaughters*, apesar de lidar com temas tão difíceis como aqueles relacionados a massacres e extermínios, possui uma delicadeza e uma sensibilidade marcantes, e a expressão “*Love*”, do título, não é meramente ilustrativa, marcando a obra do começo ao fim.

No último capítulo, McHugh nos conta que, quando começou a trabalhar no livro, seu pai morreu e, na semana seguinte, ela foi diagnosticada com câncer. Quando estava terminando de escrever, perdeu, também, sua mãe e, logo em seguida, a cachorrinha Sabine, que figura em algumas das capas de outros livros seus. A vivência pessoal da autora com essa mistura de amor (intra e interespecie) e luto parece ter sido definidora para dar contornos tão inusitados ao livro, marcado pela fragilidade das conexões afetivas, e por reflexões sobre o potencial de transcendermos à racionalidade humana, de modo alternativo à tradicional percepção cartesiana sobre nossa mentalidade/corporalidade.

São diversas as obras ficcionais e não ficcionais analisadas ao longo do livro, no contexto acima delimitado. Trataremos, aqui, apenas do capítulo 5, intitulado “*Artic Nomadology*”, em que a autora trabalha com a história dos *Inuit* – uma comunidade tradicional que o ocidente optou por nomear “*Esquimó*” – e seu cachorros, os *qimmiit*.

McHugh (2019) analisa o documentário *Qimmiit: A Clash of Two Truths*, que revela, na metade do século XX, um ataque ao modo de vida tradicional dos *Inuit*, acompanhado pelo extermínio dos *qimmiit*, seres nem totalmente domesticados, nem totalmente selvagens,

---

<sup>2</sup> Rosi Braidotti (2013, p. 25 e 29, tradução nossa) coloca Jacques Derrida (assim como Michel Foucault, com sua obra *Les mots et les choses*, de 1966) no grupo dos filósofos franceses pós-estruturalistas que, na década de 1970, buscavam, por meios diversos, criticar o humanismo colonialista, que teria permitido horrores como o de Auschwitz, Hiroshima e Gulag. Trata-se de criticar o senso eurocêntrico de grandiosidade, que coloca o homem europeu como motor da evolução. Essa geração de filósofos proclamou, segundo conta a autora, a “morte do Homem”, adotando posição “antifascista, pós-comunista, pós-colonial e pós-humanista”, levando à “rejeição da definição clássica da identidade europeia nos termos do Humanismo, da racionalidade e do universal”.

e que viviam no que poderíamos chamar de uma simbiose com esse povo tradicional do norte canadense. Havia milhares desses animais e, após o evento narrado (o assassinato desses cães pela polícia montada canadense), esse número caiu para algumas centenas, chegando perto da extinção.

O documentário nos coloca em contato com duas visões sobre o conflito, debatidas na comissão da verdade *Qikiqtani* (2013): aquela da polícia montada, e aquela dos *Inuit*. Ainda, apresenta hipóteses sobre o que teria levado esse extermínio a acontecer – espantar os *Inuit* de suas terras? Obrigá-los a se integrarem à comunidade, deixando sua vida nômade para traz? – que McHugh, em seu livro, complementa.

A relação entre os *quimmiit* e os *Inuit* não era uma de simples objetificação/coisificação, mas, diversamente, como dissemos, era marcada por uma troca simbiótica, já que, em um clima extremo como o ártico, ambas as espécies se utilizavam uma da outra para a sobrevivência, construindo laços que iam muito além da propriedade. Nesse sentido, se é verdade que cães levavam humanos para caçar puxando os trenós, por outro lado, em troca, eles recebiam comida e abrigo, sem que, para isso, ficassem aprisionados: viviam soltos (situação que a polícia montada buscou modificar, determinando seu acorrentamento).

*Quimmiit* eram membros das famílias *Inuit*, sendo responsáveis, inclusive, por receber os “nomes-almas” daqueles que estavam para morrer, de modo a evitar que seu espírito, também, desaparecesse: acreditava-se que, ao nomear outra pessoa com seu nome, sua identidade permaneceria viva. Bebês serviam a esse propósito, mas também esses cães. Quantos nomes-almas não se perderam para sempre com o extermínio dos *quimmiit*, mortos sem que houvesse tempo de passar seus nomes para outros? “Quão doloroso, impossivelmente doloroso, deve ter sido nomear os nomes que não têm mais alguém que os carregue, que não puderam ser transferidos dos mortos para os vivos?” (McHugh, 2019, p. 136).

Como dissemos, McHugh analisa diversas outras obras ao longo do livro, como “Power” e “People of The Whale”, livros de Linda Hogan, “Green Lion”, de Henrietta Rose-Innes, “Anubis: a desert novel”, de Ibrahim al-Koni, as animações do diretor Miyazaki “Meu Amigo Totoro” e “A Princesa Mononoke”, dentre outras. Ela constrói sua obra em seis capítulos, cada um com um enfoque diferente.

De um modo geral, é possível afirmar que a autora trabalha com relações contraditórias (de amor, de um lado, e de morte e exploração, de outro) que se estabelecem entre colonos/colonizados, colonos/animais, e colonizados/animais, enriquecendo suas análises com autores como os pós-humanistas Donna Haraway, Rosi Braidotti, Cary Wolfe; com a

ideia de biopolítica/necropolítica em Michel Foucault e Achille Mbembe; com os pós-estruturalistas Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari, etc.

Ao final, McHugh, por meio de uma interpretação ativa das obras analisadas – ou seja, de alguém que não apenas lê, mas também constrói, compreendendo o texto como entidade móvel e não linear (Braidotti, 2013) – é capaz de concretizar aquilo que ela diz, como vimos, ser uma das funções dos *human-animal studies* aplicados à literatura, que é fazer com que imaginemos novos mundos, com relações alternativas intra e interespécies.

## REFERÊNCIAS

BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.

JOHNSON, Sammy Jo. Zoo, Circuses, and Freak Shows: A Cross Movement Analysis. In: JENKINS, Stephanie *et al.* (eds.) *Disability and Animality: Crip Perspectives in Critical Animal Studies*. Nova York: Routledge, 2020.

MCHUGH, Susan. *Animal Stories: Narrating Across Species Lines*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2011.

MCHUGH, Susan; MARVIN, Garry (ed.). *Routledge Handbook of Human-Animal Studies*. Nova York: Routledge, 2014.

MCHUGH, Susan. Animals. In: VINT, Sherryl (ed.). *After the Human Culture, Theory and Criticism in the 21st Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

QIKIQTANI Truth Commission Thematic Reports and Special Studies 1950-1975. *QTC Final Report: Achieving Saimaqatigiingniq*, 2013.

*QIMMIIT: A Clash of Two Truths*. Direção: Joëlie Sanguya e Ole Gjerstad. Produtores: Joe MacDonald e Charlotte De Wolff. Canadá: Piksuk Media e the National Film Board of Canada, 2010 (68 min).

TAYLOR, Sunaura. *Beasts of Burden: animal and disability liberation*. Nova York: The New Press, 2017.

WOLFE, Cary. *What is Posthumanism?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

SINGER, Peter. *Animal Liberation*. 3. ed. New York: Ecco, 2002.

REGAN, Tom. *Empty Cages: Facing the challenge of Animal Rights*, Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2004, *e-book Kindle*.

**Idioma original: Português**  
**Recebido: 03/05/22**  
**Accito: 10/12/22**